

**A AUTOFICÇÃO “O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS”: o
espelho inverso e a gratuidade do mal
THE AUTOFICTION “THE PARK OF THE MAGNIFICENT
SISTERS”: the reverse mirror and the gratuitousness of evil**

Michelle Calheiros Lima¹

RESUMO: O trabalho apresenta a narrativa autobiográfica da obra *O Parque das Irmãs Magníficas* (2021), cujo enredo central descreve a vida cotidiana de uma travesti refém da prostituição e das feridas obscenas da vida nua das ruas em comunhão com a soberania do biopoder. Adentramos na narrativa da violência cotidiana vivida por um grupo para refletir sobre o insuportável terror a que certas existências são submetidas, capitaneado por uma sociedade que se nega a ver. Por outro lado, apesar do cenário de violência narrada no território do desumano, encontramos poesia e realismo fantástico, como possibilidade de uma construção de si reparadora. A relevância do tema é as ligações entre o aparato biopolítico e as técnicas necropolíticas. O objetivo geral do trabalho é interrogar a qualidade do estranho freudiano, através do espelho invertido do duplo, visando compreender a gratuidade do mal a estes corpos. Ao enfatizar o caráter enigmático da cegueira deliberada, ata-se uma cumplicidade cruel com os corpos pavoneados vulneráveis. O recurso metodológico parte da anamnese dos elementos textuais da autobiografia em paralelo com Freud *O estranho* (1919) e *Os três ensaios da teoria da sexualidade* (1905), permitindo-nos fundamentar concordâncias com a biopolítica e a era farmacopornográfica de Paul Preciado em *Testo Junkie* (2023). No caso do corpo travesti, este não seria o mesmo corpo fabricado das heteronormatividades, e, por isso, explicaria o despertar do terror e da fascinação de uma necropolítica.

Palavras-chave: Autoficção. Travesti. Gratuidade do mal. Psicanálise. Necropolítica.

ABSTRACT: The work presents the autobiographical narrative *The Park of the Magnificent Sisters* (2021), whose central plot describes the daily life of a transvestite held hostage by prostitution, and obscene wounds of the naked life of the streets in communion with the sovereignty of biopower. We enter the narrative of the daily violence experienced by a group to reflect on the unbearable terror submitted by certain existences, led by a society that refuses to see. On the other hand, despite the scenario of violence narrated in the territory of the inhuman, we find poetry and fantastic realism, as a possibility of a reparative construction of the self. The relevance of the theme is the links between the biopolitical apparatus and necropolitical techniques. The general objective of the work is to question the quality of the Freudian uncanny through the inverted mirror of the double, aiming to understand the gratuitousness of evil to these bodies. By emphasizing the enigmatic character of deliberate blindness, a cruel complicity is tied to the vulnerable strutting bodies. The methodological resource starts from the anamnesis of the textual elements of the autobiography in parallel with Freud's text *The Stranger* (1919) and *The Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), allowing us to establish agreements with the biopolitics and pharmacopornographic era of Paul Preciado in *Testo Junkie* (2023). In the case of the transvestite body, this would not be the same body manufactured by heteronormativities, and therefore, it would explain the awakening of terror and fascination of a necropolitics.

Keywords: Autofiction. Transvestite. Gratuitousness of evil. Psychoanalysis. Necropolitics.

¹Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: michellecalheiros@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7552-0180>

INTRODUÇÃO

Quem não conhece a famosa frase do conto infantil “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”². Plano que tudo diz, a interrogação ansiosa e pueril ao espelho faz-se prerrogativa ao ver e ser visto. Condição de existência do ser, organização do eu, moldes referentes ao humano e a suas mediações. Talvez, o que se desconheça é que o corpo é político e a necropolítica é um sistema sofisticado, que caberia a pergunta: a quem é dada a oportunidade ao “espelho, espelho meu...” em partilha do reconhecimento? Nesse sentido, o reconhecimento pode ser lido tanto na versão do mito de Narciso, como também do mito senhor e escravo, ambos são mitos que narram as relações de investimento e identidade (Dunker, 2023). Com relação ao reconhecimento, acontece uma duplicação de corpos, da vida (patrão/narciso) e da propriedade controversa que denuncia e envergonha (subordinado/reflexo de si). A conclusão paradoxal que chegamos serve como recurso epistemológico da variabilidade ontológica e “a situação trágica do senhor diz respeito ao seu posicionamento diante da morte” (Dunker, 2023, p. 248). Paralelamente, encontramos, na sofisticação da necropolítica, uma mecânica trágica, não se reconhece o senhor, isto é, não há ninguém, especificamente puxando o gatilho. Trata-se, portanto, de uma tecnologia em que não se percebe a falta de escolhas para certos corpos. Inclusive, esses corpos, encurralados pela contingência, terão suas vidas ceifadas sem comoção social alguma. Como bem descreveu Dunker (2023), os lutos infinitos e espectrais são aqueles que não podem terminar, porque nunca começaram. Mas, que corpo é esse, olhado a partir do espelho invertido? Nas considerações de Preciado (2023b, p. 20), seriam:

Não há almas no jardim dos vivos que não sejam efeitos de implante e poda. Entre todos os corpos, alguns parecem ter existido sem alma durante muito tempo. Foram considerados pura anatomia, carne comestível, músculos que trabalham, úteros reprodutivos, pele dentro da qual ejacular. Esses foram e ainda são chamados de animais.

Decerto, aquele que produziu o humano também produziu o inumano. Não bastou a provocação de Preciado (2020), em seu discurso de homem trans, em um corpo não binário, proferido em 2019 na Escola da Causa Freudiana em Paris. Aqui, aproximamo-nos menos

² As histórias mágicas que conhecemos com “contos de fadas”, na baixa idade média eram chamadas *Fairy tales* ou *contes de fées*, narrativas macabras e cruéis, que precisaram ser pacificadas. Essa a qual nos referimos é a versão 89dos Estúdios Disney: *Branca de neve e os setes anões* (1937). (Messias, 2022).

da ideia de monstro como um ser aterrorizante, e mais como algo produzido, isto é, corpo disforme ou dissidente: matáveis, descartáveis, cuja vida pouco importa. O disforme ganhou conceituação com o termo disforia nos textos de psiquiatria alemã com Emil Kraepelin e Eugen Bleuler, para descrever estados de ânimo e mudanças de comportamento em pacientes com epilepsia. Os autores afirmavam que a disforia fazia parte de um transtorno psiquiátrico cujos sintomas incluíam a depressão mesclada à irritabilidade, ao medo, à ansiedade e aos estados de ânimo eufóricos, que podem ser seguidos à insônia e à dor generalizada. A noção de disforia indicaria um transtorno de humor que torna a vida cotidiana insuportável (Preciado, 2023b).

Na quinta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, atualizada em 2013, a disforia aparece contaminando outras psicopatologias como uma espécie de combo. Para Preciado (2023b), a disforia é *mundi*, isto é, uma condição somatopolítica geral, como uma dor produzida pela gestão necropolítica da subjetividade: inadequação, dissidência e desidentificação. Para Preciado (2023b, p. 98), “o ato de nomeação já é um processo de construção”, e nos lembra de que a Alemanha nazista caracterizou uma parte de sua própria população (judeus, ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência, e com transtorno) como corpos que ameaçavam a soberania da comunidade ariana. Produzir criaturas ameaçadoras afasta o juízo ético e a análise crítica, ao ser incendiado pelas excitações do psiquismo se fica mais afeito às descargas pulsionais. No que se refere ao olhar como espelho, serve a integração egóica dos primórdios e possibilita a identificação do ego com a imagem refletida. A importância conceitual do olhar como espelho é suficientemente conhecida, pelo lugar do duplo, ou seja, entre a representação e o modelo ideal, necessariamente, perpassado por um outro.

Muito embora a questão metapsicológica do olhar e do espelho não sejam uma temática de intimidade e de domínio público, não deixam de ser evocados, mesmo que de forma mitigada, quando a subjetividade se manifesta. Logo, nas primeiras páginas da autoficção *O Parque das irmãs magníficas* (2021), Camila Sosa Villada abre a comunicação com o abandono um de bebê na noite fria do parque magnífico das monas³, por entre as moitas de espinhos um bebê solitário. Diante do drama, a travesti-mãe (Tia Encarna) o leva para ser cuidado e juntas decretam: “por maioria, escolhemos chamá-lo O Brilho dos Olhos.

³ Gíria usada dentro da comunidade LGTBTQIA+ para um amigo pertencente à comunidade, especialmente os gays.

E convinha muito chamá-lo assim, porque tia Encarna e todas nós, na verdade, recuperamos o brilho do olhar quando estávamos com ele” (Villada, 2021, p. 29).

O fragmento acima seria a insinuação da soberania do olhar? calma, a resposta pede prudência e apenas pela dissecção da estrutura textual no depois seja possível considerações. Quem trabalha com a clínica sabe que o mais importante de uma análise acontece fora dela: pela elaboração. Acreditamos que com os elementos literários também. Para tanto, escrever é deixar vir ao papel afetações incompreensíveis, cuja análise cuidadosa, ao rigor de uma supervisão, acrescenta-se algo de original ao repertório já conhecido. Ao mencionar o original, pensamos em Barthes (2018 [1977]), especificamente, em *Fragmentos do discurso amoroso*, um texto de narrativa inusual e sem enredo contínuo sobre um romance do sofrimento amoroso. Para isso, recorta, fragmenta, pinça os elementos significativos para analisá-los. Ou seja, quando pensamos no olhar, no espelho e na literatura autoficcional, encontramos um agente subjetivo⁴, despreocupado em compor uma imagem factual e universal dos elementos. É preferível ver esse sujeito como o produto da representação palavra, e que, apesar de tão duro tema, encontramos a magia do poder reparatório pela capacidade de ligação nas metáforas e nas passagens sensíveis. A autoficção de Villada (2021) se vale da arte do realismo fantástico como limiar entre significantes e pele, cortes e análise, realidade e fantasia. Por fim, uma escrita que lança o enigma para que não haja reconhecimento do próprio eu.

Afinal, como sabemos com Freud (2011 [1923]) o eu é sede das resistências, precisa-se trabalhar com a sombra do objeto em névoas narcísicas para não o despertar. O construto teórico-metodológico desse trabalho parte do livro da travesti latino-americana Camila Sosa Villada, *O Parque das Irmãs Magníficas* (2021). A proposta é se servir do núcleo conceitual em torno da relação do estranho (Freud, 1969 [1919]) frente à presença marcante da pulsão escópica (Freud, 1969 [1905]), simultaneamente, ao que diz respeito à crueldade. Na continuidade, localizaremos os ordenadores sociais do poder soberano e da farmacopornografia que alimenta os corpos heteronormativos (Preciado, 2023a). Além disso, do uso da contratransferência para pinçar dados analisáveis.

⁴ Agente subjetivo como o sujeito das tópicas freudianas: na primeira teoria das pulsões, ou, das instâncias na segunda teoria das pulsões

1. O OLHAR NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

A contratransferência é a primeira captura do olhar e os dados são elementos que compõe este, que olha, que analisa e que escreve. Para tanto, o olhar na metapsicologia se coloca em uma distância oceânica ao aparato fisiológico da visão (Freud, 1969 [1910]). Sendo assim, o centro da questão está não no que é visto, sobretudo, na condição engendrada pelo olhar através da pulsão escópica. Ou seja, o olhar como componente da libido, capaz de constranger e despertar. Ser olhado define destinos e vínculos “o mundo é uma vitrine” escreve Villada (2021, p. 70), e segue “somos um quebra-galho, os mamadores de porra, os chupadores de pica, os calcinhas com cheiro de saco, os paus-no-cu [...] os aidéticos, os doente, somos isso” (Villada, 2021, p. 75).

Mesmo o mundo atribuindo a imagética travesti ao que é abjeto e vil, há um passado que continua atuando. Para entendermos a proposição, precisamos dos *três ensaios sobre teoria da sexualidade* (Freud, 1969 [1905]), ocasião em que o mundo fica sabendo da criança perversa polimorfa, esses pequenos espectadores zelosos da micção e dos excrementos, impulsionados pela força da pulsão escópica de ver. No início, acontece voluntariamente, mas, que depois, ocorre de forma involuntária ou de maneira obsessiva (as perversões). O que nos interessa para a discussão está na pulsão escópica ligada à cena primária: ver e saber. Nas palavras de Villada (2021, p. 95-96):

Tem outro olhar que ficou gravado em mim. Uns olhos que gritavam, mas de ternura. Vinha de cada início de mês, quando recebia. Vinha apoiado em muletas [...] anestesiado por sua deficiência, mas era tão lindo que tirava o fôlego. Pagava só para cheirar entre minhas nádegas, mas fazia isso com tanta voracidade, como se estivesse fazendo amor. Gastava todo seu dinheiro com uma puta como eu, o pagamento mensal que recebia como monitor num colégio secundário se efumava entre minhas nádegas, pela possibilidade de ser irmanado comigo, a dor dividida de ansiar morrer por ser como erámos no mundo [...] um homem assim, que vinha com seu salário, disposto a entregá-lo todo, tão doce e amargo como uma fruta dos trópicos.

O cheiro, por exemplo, esse ponto limite entre natureza e cultura, do qual não entraremos em detalhes porque foge ao nosso escopo. Para tanto, basta dizer que são atos primitivo de conhecimento, e apenas *a posteriori*, dar-se-á a prevalência do olhar em toda a cena. Diz-nos Freud (1969 [1905]), em um texto denso e breve sobre alvos sexuais, que o olhar equivale ao tocar/grudar. Na pulsão escópica, esse caminho mais frequente pelo qual

se desperta a excitação libidinosa ao se demorar no alvo sexual (coisas ou pessoas), teremos: 1) o saber – que ambiciona completar-se pela descoberta e revelação do oculto. Próximo à neurose, com a sublimação, pode-se atingir realizações elevadas socialmente (artistas, pesquisadores e excelência profissional). Um outro saber estaria ligado a tempos primevos e às pulsões arcaicas atrelados ao princípio primário (abrir, cortar, picar e destruir); 2) o dominar – no que se refere ao campo da neurose em seus aspectos sublimatórios - busca prazer, postergando através de grandes empreendimentos. O dominar, ao inverso de grandes conquistas, estaria ligado às pulsões arcaicas pela negação do outro/objeto satisfazendo-se, e triunfando (campo das perversões, ou, da natureza arcaica da pulsional).

Seja pela neurose, pela perversão ou pela radicalidade de uma desorganização psicopatológica, qualquer uma delas moverá uma certa intensidade e inclinação prazerosa em assistir ao trágico. Trata-se de perseverar o ver e o saber das cenas de crueldades, humilhações, acidentes, suplícios, sujeição e brigas, pela via do entretenimento, da curiosidade ou do prazer. Todas essas ações são encontradas facilmente nas pessoas, até mesmo as ditas “normais”. Isso acontece, porque o sadismo foi um recurso utilizado como defesa às ansiedades persecutórias e como componente da sexualidade, que, em si mesma, é agressiva. O sadismo, por exemplo, é a fusão erótica e agressiva da libido.

A crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido [...] um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do aparelho de dominação [...] toda dor contém em si mesma a possibilidade de uma sensação prazerosa. (Freud, 1969 [1905], p. 149)

A teoria, cuidadosamente exposta, vem com maior clareza com a escrita de Villada (2021, p. 23), “a sociedade vai protestar, sempre disposta ao linchamento. A infância e as travestis são incompatíveis [...] os idiotas dirão que melhor escondê-las de seus filhos”. Em outra página, atestamos o desejo pelo objeto e o desejo de destruição, na forma de silenciamento do oculto e do que deve ser mantido em segredo, “tudo isso parece não acabar nunca. As porradas, acima de tudo, as porradas que vinham imediatamente depois de trepar. Todas tínhamos passado por isso [...] a cura para todos os males era o descaso” (Villada, 2021, p. 32-33). Sobre o oculto/invisível, ao olho nu, que nada diz sobre a visão, mas, muito diz sobre o que emergiu do oculto, encontramos uma palavra específica para o designar o duplo inverso da imagem: *Doppelgänger* (Klein, 2024). O termo em alemão combina

Doppel; duplo, réplica, com *Gänger*; aquele que vaga (Klein, 2024). A tradução vem do corte da palavra significando um duplo caminhante ou um dublê à solta. O duplo ganha o tom da parte expurgada, reprimida, depravada e rejeitada, que não suportamos ver em nós mesmos. Em síntese, o *Doppelgänger* será o gêmeo maligno, o eu sombrio, o antieu, os impostores (Klein, 2024).

Sendo assim, o *Doppelgänger* atua como uma espécie de espelho inverso e indesejável, que mostra a versão vaidosa e venal de si mesmo “não é apenas um indivíduo que pode ter um duplo sinistro; nações e culturas também os têm” (Klein, 2024, p. 22). Quanto ao espelho, primeiro temos a descrição pormenorizada da física a essa superfície plana que reflete e ficamos sabendo, desde a época dos tempos do colegial, que os espelhos são superfícies polidas que possuem alto poder de reflexão. A imagem projetada na superfície se forma dentro do espelho, por isso, não é incomum a impressão da imagem se formar dentro do espelho e isso ocorre devido ao prolongamento dos raios de luz. O que chamamos de espelho inverso segue a física, mas, principalmente, a figura do duplo sombrio: *Doppelgänger* (Klein, 2024).

É, então, que temos o duplo freudiano *O estranho* (Freud, 1969 [1919]), na figura do *doppelgänger* (Klein, 2024), que tem como veste o semblante da estética e seus contrastes: belo e feio. *O estranho* (Freud, 1969 [1919]) é a singular característica de um afeto antigo que retorna percorrendo e existente em uma experiência de alteridade e familiaridade. Sobre o afeto, Green explica, seguindo as pistas freudianas: “é o trabalho do pensamento. Circunscrito na dualidade prazer/desprazer, o viver do afeto sempre é solicitado por seu contrário e seu duplo, ameaça ou esperança [...] é difícil dizer se são forças de vida ou forças de destruição que assim se manifestam” (Green, 1975, p. 66). Sendo assim, *O estranho* (Freud, 1969 [1919]), esse algo que desperta tanto o encantamento e fascínio como amedronta e ameaça, aparece como jogo semântico entre *heimlich* em *unheimlich* (Freud, 1969 [1919]). Em suma, *heimlich* seria o íntimo, o doméstico, o familiar, apesar de se manter oculto em suas qualidades e em sua fenomenologia. No caso do *unheimlich*, temos o seu oposto, o misterioso que desperta temor, uma subespécie de *heimlich*. À medida que avançamos sobre as formulações do jogo semântico (*heimlich/unheimlich*), proposto pela metapsicologia, a estranheza como qualidade do afeto ganha robustez, revelando-se como um espelho não reconhecido.

Quando acreditamos que o bom não habita o mau e vice e versa, entramos no mundo dos objetos parciais do mundo infantil. A organização psíquica infantil é atemporal, ou seja, destruímos e reparamos por toda vida Melanie Klein (1991). O bebê humano, nos primórdios, é a brutal incidência dos afetos: medos, ansiedades, agressividades, inveja, possessividade, vingança e destruição. Esse momento humano foi descrito por Klein (1991) como posição esquizoparanóide, em que movimentos tanto esquizo (cisão/divisão) como paranoides (perseguidores) estão operando sem o auxílio da realidade propriamente dita, e sim, do mundo interno em colaboração com a fantasia. Nessa perspectiva, nasce o seio cindido: o bom (gratificador) e o mau (frustrador), por isso, no mundo infantil, o mau e o bom serão sempre parciais, ou seja, divididos (o bom não pode ser mau e nem o mau pode ser bom). A luta eterna entre bandidos e mocinhos vem da vida pré-verbal.

2. A NECROPOLÍTICA

Além da autoficção revelar o contrastante *heimlich* e *unheimlich*, em uma mistura de valas e abismos, ao mesmo tempo, a ternura e o lirismo, que em nada remetem a uma idiossincrasia literária, mas, acima de tudo, a uma qualidade do humano em sua totalidade. Sem totalidade não se possui a menor capacidade para amar, consequentemente, não há possibilidade de sentir culpa e passar da crueldade para piedade (Winnicott, 1983 [1979]). A literatura *O parque das irmãs magníficas*, ao nosso olhar, representa uma tentativa de reparação da autora. Uma escrita que, ao utilizar objetos fantásticos, reconstrói o fracasso fundamental de uma sociedade que banaliza o mal para certas existências, e, separando entre os que devem viver com dignidade e os que devem deixar morrer pela tecnologia necropolítica. Mesmo que na autoficção (Villada, 2021), acompanhamos o descortinar a céu aberto do *estranho* (Freud, 1969 [1919]), o tal estrangeiro/outro, que ameaça pela estética e aquele que realmente autoriza o apagamento na forma, no conteúdo e na tragicidade de seu êxito.

Por exemplo, em *Vigiar e punir* (Foucault, 1975), temos a teatralidade violenta exercida aos corpos subalternizados pelo poder soberano do *Ancien Régime*. Propositamente, Foucault (1975) escolhe o suplício para iniciar a discussão, apresentando que, mesmo com o recurso do regime disciplinar, não se apagam as técnicas de soberania.

Se antes o assassinato era público, o esfacelamento acontecia diante dos olhares curiosos pela espera ansiosa da população; hoje, o matar modifica-se. As contribuições de Michel Foucault, aos debates sobre biopolítica e soberania, inauguram uma discussão sobre corpos e poder, uma forma de poder centrada no uso de saberes médicos/demográficos para garantir a vida da população e, assim, estabelecer controle. O corpo dócil para Foucault (1975) seria o corpo obediente e disciplinado, diferentemente da escravidão, que se fundamenta em uma relação de apropriação dos corpos. Mas, trata-se de uma anatomia política que esquadrinha uma relação de docilidade-utilidade, que serve tanto para exploração como para localizar, tais corpos, na série dos humanos cujo desdobramento será o viver pelo sucesso na “contabilidade moral e no controle político” (Foucault, 1975, p. 137). Não será excessivo lembrar que o campo de análise do autor francês estava na Europa e o outro lado do mundo vivia vigorosamente o projeto moderno: promover a morte de determinados grupos sociais. Em *O parque das irmãs magníficas*, os personagens nos ensinam sobre resistir e reinventar o cotidiano na luta diária pela vida. Aliás, absolutamente ninguém, senão o grupo, poderá promover a segurança e o cuidado com a vida. A obra *As irmãs magníficas* coloca em destaque a necessidade da auto-organização para proteção:

O alento para existir, penso [...] as travestis se enforcam, as travestis abrem suas veias. As travestis padecem mais além da morte os olhares dos curiosos. Os interrogatórios da polícia, os cochichos dos vizinhos, sobre o sangue ainda morno e cremoso que unta a cama. (Villada, 2021, p. 108)

Esse sistema alicerçado em produzir mortes, chamado necropolítica, vem do cientista social camaronês Achille Mbembe (2003). É fato que a realidade social brasileira tem como marca e memória o genocídio dos povos originários, e tal conceito apresenta-se como valiosa contribuição para análise dos grupos periféricos. Desta forma, como já antecipamos, a necropolítica é uma tecnologia, nem sempre explícita, entranhada na sociedade burguesa, que ganha aspecto e forma de coisa natural. A lógica de produção de morte contida na citação acima nos mostra uma sociedade civil burguesa e um Estado moderno, como engrenagem pulsante desse sistema sofisticado para as populações humanas denominadas descartáveis e abjetas. Nesse sentido, a naturalidade da política de morte se apresenta no dia a dia, seja por meio dos extermínios produzidos pela polícia, da superexploração burguesa à classe trabalhadora, da legitimidade das bets, da atuação do sistema judiciário, do favorecimento da elite pelo estado para atender aos interesses privados ou da falta de cobertura à população

LGBTQIA+. Enquanto uma parcela considerável da população sofre diariamente a falta de escolha, aqui, teremos a necropolítica: “a necropolítica requintada não mata expressamente, deixa morrer” (Miranda, 2021, p. 103).

3. CONTROLE E CRUELDADE: a gratuidade do mal

Com a necropolítica, foi-nos permitido avançar para metapsicologia do controle e da crueldade, uma conexão clara entre um objeto preciso e o objeto pulsional. Freud definiu a pulsão em 1915 como uma força de origem endógena, uma estimulação gerada pelo próprio corpo vivo, do qual é impossível fugir. Só pode fugir a uma ameaça externa como por exemplo; luz forte sobre o olho (estímulo fisiológico), “o estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo” (Freud, 2004 [1915], p. 146).

A pulsão, nas palavras de Freud (2004 [1915], p. 146), “nunca age como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante”. A pulsão exige descarga e uma outra exigência, é o de trabalho entre o corpo e o psiquismo, ou seja, estímulo para o psíquico construir objetos para si. Os objetos construídos servem para obter alívios prazerosos e descarga da tensão interna. No conceito de pulsão, Freud o montou articulando 4 elementos: 1) fonte: corpo – sexual somática; 2) pressão: impulso, força ou desejo; 3) finalidade: satisfação/descarga – ação específica; e, por fim, 4) objeto: o fim a ser alcançado. Dessa maneira, a pulsão só se faz presente no psiquismo através dos representantes psíquicos da pulsão: afeto e ideia. Embora a pulsão busque a satisfação, esta sempre será parcial. Ao fim e ao cabo, da própria essência do conceito se conservar: força constante. O impacto da constância dessa força impele ao princípio do prazer na busca de satisfação, é, então, que entramos no campo dos objetos que o psiquismo constrói para si, esses objetos serão produtores de fantasia e de jogos de representação que constituem cada sujeito. É por isso que a pulsão precisa de um objeto para chegar a sua finalidade (descarga).

Para não passarmos ao largo do conceito, é preciso destacar que a primeira teoria das pulsões passa a ser um jogo de forças que se opõe devido aos dois grandes grupos pulsionais: pulsões de autoconservação ou pulsões do ego e as pulsões sexuais. Entre os textos metapsicológico, a teorização mais profunda do ego foi o narcisismo em 1914 “o eu precisa ser desenvolvido” (Freud, 2004 [1914], p. 99). O narcisismo é um processo necessário e fundamental para a construção psíquica que envolve limites e fronteiras entre o eu e o outro.

Só com o investimento de cuidado pela estimulação e contenção é que certas ligações podem acontecer. Como sabemos, para manter-se vivo biopsiquicamente, faz-se necessário estimular a pulsionalidade. Green (1975), em toda sua obra, insiste em destacar que Freud levou a sexualidade ao seio do ego. No que se refere a segunda teoria das pulsões, conhecida como *Além do princípio do prazer* (Freud, 1969 [1920]), o médico vienense discorre sobre a questão do traumático pela compulsão à repetição. A repetição surge como uma tentativa de solução, mas, repetir como solução para quê? DOMINAR.

De posse da natureza arcaica da pulsão, o repetir serve para dominar a situação traumática. Em 1920, temos um cenário desolador de guerra, destruição, mortos e feridos. Os sonhos repetidos dos soldados que voltaram da guerra levaram Freud (1969 [1920]) à etiologia da neurose de guerra ou neurose traumática, que seria a invasão das excitações rompendo o escudo protetor do psiquismo, inundando-o. O pulsional, mesmo proveniente do interior do corpo, será considerado tão externo ao aparelho psíquico quanto à realidade externa, podendo ser considerado traumático (Freud, 1893 [1969]).

Além da compulsão à repetição dos sonhos traumáticos de guerra pela tentativa de ligação, isto é, repetir o que não chegou a ser processado simbolicamente. Freud (1969 [1920]) vai unificar os dois grandes grupos pulsionais do início (as pulsões de autoconservação/Ego e as pulsões sexuais) em pulsão de vida, e vai acrescentar a pulsão de morte. A pulsão de morte (Freud, 1969 [1920]) será considerada como uma tendência de retorno ao inorgânico, uma energia livre e desligada. Atingimos o que Green (1998) elabora como função objetalizante e desobjetalizante, no texto *Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante*. Em suma, a função objetalizante cumpre a meta essencial da pulsão de vida: garantir uma relação com o objeto, dizendo de outra forma, a função objetalizante eleva a categoria de objeto àquilo que não possui nenhuma qualidade para que se mantenha um investimento significativo. O inverso acontece com a função desobjetalizante, em que a meta é o desligamento, isto é, a manifestação própria da destrutividade da pulsão de morte, um procedimento radical com aspiração ao nível zero, sobretudo, porque a verdadeira expressão da pulsão de morte não é a agressividade, seria o desinvestimento.

A metapsicologia da crueldade mostra-se uma conceituação delicada devido à natureza arcaica da moção, para isso, utilizaremos autoras que trabalharam essa temática como Mijolla-Mellor (2005) *La cruauté au féminin*, e Donard (2009) *Du meurtre ao*

sacrificie. Ao compilar os estudos das autoras sobre o controle e crueldade, encontramos dois pontos significativos. Na primeira teoria das pulsões 1905-1915, existe uma desobjetalização da pulsão, uma energia livre que impulsiona a escravidão, o domínio e a força. Antes da segunda tópica das pulsões, a crueldade é habitada pela ânsia de controle, ou seja, a crueldade não visa ao sofrimento do outro, encontra-se bem longe do sadismo e da piedade. Embora o impulso cruel pertença à destrutividade, a crueldade da pulsão escópica em sua modalidade arcaica desobjetalizante é um impulso sem amor e nem ódio. Manifesta-se pela indiferença: cortar, perfurar, picar das brincadeiras infantis pelo desconhecimento sensível do outro. A crueldade na concepção de Mijolla-Mellor (2005) e trabalhada por Donard (2009, p. 156, tradução nossa) aparece como: “a crueldade, entendida como negação do outro, seria então o traço comum que une controle, destruição e vontade de poder”.

Seria uma espécie de crueldade original desligada, apenas compreensível na primeira teoria das pulsões em que estão em jogo: controle e identificação ligados ao impulso de autoconservação. As pulsões parciais participam de forma articulada para que a crueldade ignore o estatuto e a natureza integral do objeto. Na explicação de Donard (2009, p.71, tradução nossa):

Se a pele estiver envolvida, ela é apontada como obstáculo para arrancar, furar e revelar o que contém, isto é, cru. Por outro lado, a partir do momento em que essa atividade pulsional se inicia, o outro se verá desobjetalizado, negado em sua identidade [...] esse domínio cruel sobre o outro nos leva de volta a uma forma de desejo arcaico de desconhecimento sobre a vida e a morte.

Diferente do sadismo sadiano, em que a crueldade precisa extrair do objeto o sofrimento para atingir o prazer. O sado, do conceito de sadismo, tem como marca principal a associação radical do erotismo e da crueldade, basta lembrarmos do primeiro romance do autor em 1785 *Journées de Sodome*, escrito na Bastilha, em que as paixões sexuais são criminosas e assassinas. Uma literatura inteira de cenas de tortura sexual e vícios “vamos, minha pequena, mijá, dizia-me, inunda meu pau com esse licor encantador” (Sade, 2015, p. 75). O sadismo sadiano não é só o discurso excessivo sobre a crueldade, mas, o gosto pelo crime “Aí, o que interessa é a morte lenta, o suplício, a agonia” (Moraes, 2011, p. 73). A sacada de Sade é localizar a execução da lubricidade imperiosa, radicais e violentas do poder soberano “Práticas de crueldade que tomavam conta das ruas de Paris no final do século

XVIII [...] atrocidades do liberalismo armado: massacres, fuzilamentos, afogamentos em massa e, sobretudo, as execuções da santa guilhotina” (Moraes, 2011, p. 130). Ao voltar para *O parque das irmãs magníficas* (Villada, 2021), acompanhamos a combustão do sadismo e da crueldade desobjetalizante na descrição pormenorizada a seguir:

Ele era uma paixão que adoecia minha vida. Impossível deixar de esejá-lo, inclusive com suas agressões, inclusive com suas violências, eu era com ele como queria ser. Apesar do cansaço infinito, daquele medo permanente que sentia desde a infância, assumi com ele meu papel de escrava, meu papel de objeto [...] um dia, ofereceu o triplo do que costumava pagar para enfiar as pilhas do meu rádio no meu cu. Era muito dinheiro de uma vez, e aceitei. Não posso culpar a pobreza por isso. Não posso dar nenhuma desculpa. Só posso dizer que me culpei durante muitos anos por ter aceitado aquela humilhação [...] como poderia olhar na cara dos meus pais, dos meus amigos depois daquilo? (Villada, 2021, p. 125-127)

Aqui, estamos na cena primária frente a uma crueldade inerente à pulsão escópica: ver, saber e dominar. A tríade da pulsão não se impulsiona pelo ato de causar sofrimento, mas no “algo a mais” visto em cena – as pilhas. O verdadeiro desejo de ver é o próprio agente da ação, fazendo do outro um objeto escrutinado e destituído da sua condição de humana, aliás, um elemento escabroso desobjetalizado (Lima, 2025). Daqui em diante, visitaremos a crueldade e o sadismo em sua faceta cultural e social.

4. A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA

Na era farmacopornográfica, o corpo engole o poder “é uma forma de controle ao mesmo tempo democrática e privada, bebível, inalável e de fácil administração, cuja propagação pelo corpo social nunca foi tão rápida ou tão indetectável” (Preciado, 2023a, p. 197). É um corpo desejante de poder, sobretudo, na forma e na potência entre o bio e o tecno. Preciado (2023a) chama atenção para um regime biopolítico disciplinar criado para novas ficções somatopolíticas.

A tecno-barbie, eternamente jovem e hipersexualizada, quase completamente infértil e sem menstruar, mas sempre pronta para a inseminação artificial e acompanhada de um supermacho estéril cujas ereções são tecnocamente produzidas por uma combinação de viagra e códigos pornográficos audiovisuais emitidos por meio de canais digitais computadorizados. Finalmente, a fertilização heterossexual farmacopornográfico está acontecendo in vitro. (Preciado, 2023a, p. 208-209).

O que o regime farmacopornográfico mostra é que: o gênero está à venda. Já a pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública comercializável. A pornografia é quando o privado se transforma em público, com as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: performance, dramatização, especularização, técnica, distribuição digital e audiovisual. Uma era toxicológica para a nova forma de sujeito político. Dessa maneira, o legado psicopolítico da nova subjetividade está, confortavelmente, diante da violência máxima, da busca da excitação maior, convidando a uma toxicomania coletiva de hormônios e implantes. Assim, na sociedade farmacopornográfica, os modelos de controle do corpo são microprotéticos, fazendo o poder atuar por meio de uma biotecnologia incorporado ao sistema humano (Preciado, 2023a). O controle farmacopornográfico da subjetividade está na administração da serotonina, testosterona, antiácidos, cortisona, estradiol e muitos outros produtos da tecnociência “o biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos desejos, reações químicas e afetos” (Preciado, 2023a, p. 4). Enquanto isso, no sistema farmacopornográfico, pessoas trans, lésbicas, desfem, travesti e intersexo não têm sua identidade de gênero respeitada. Isso é necropolítica, necro-humanismo. Um cenário que se repete todos os dias e é retratado por Villada (2021) para que não nos esqueçamos do que se submete um corpo periférico, dissidente, outro, aos padrões heteronormativos, “o namorado tinha lhe batido muito, a cara não passava de um destroço, saía sangue dos seus ouvidos, quase não podia respirar porque tinha várias costelas quebradas e tremores e convulsões” (Villada, 2021, p. 117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que estamos até agora chamando de necropolítica, a partir do espelho inverso pela gratuidade do mal, é o avanço da indiferença na direção do corpo travesti ou de qualquer corpo reconhecido como abjeto. Não há, portanto, motivos para otimismo, é preciso tirar o véu da tecnologia sofisticada da política de morte. O ver não como dominação, mas, como tomada de consciência. Tomar consciência é entender que somos parte do problema que queremos resolver, afinal, o poder, como reconhecia Foucault (1975), está em todo lugar e é capaz de fazer falar ou fazer calar; fazer existir ou impedir a existência. De fato, precisamos

aceitar que não há mudança possível sem uma transformação de nossos processos de subjetivação política. Como a própria história nos ensinou, uma revolução se inicia, quando nos damos conta da opressão e da violência que nos assolam. Se o gênero pode ser comprado, então teremos corpos pavoneados independente do gênero, certo? Errado!

O corpo pavoneado só será aceito aos padrões de beleza heteronormativos e coloniais do fascismo (ainda) ariano, com os quais muitos vislumbram. Existe beleza para além desse modelo, existem outras vidas e outros corpos. Para tanto, se existem muitos outros podemos fazer uma revolução, uma transformação e outras tantas nomeações. O humano é o outro e não apenas o supermacho ou tecno-barbie, para ser fiel a Preciado (2023a). A indiferença é um dos dispositivos da necropolítica, ao contrário do que se poderia imaginar, não acontece como uma guerra, é sutil e silenciosa. Afinal, os corpos que importam são todos. O chiste de tudo isso caminha na suposta comunhão dos gêneros binários ou no regime patriarcal. Embora vivam sob o mesmo teto e até durmam na mesma cama, não estão lado a lado, não participam da mesma negociação. Se Villada (2021) mostrou seus corpos espancados, mutilados e assassinados sem o mínimo de piedade, acrescentamos a essa voz outras vozes, especificamente de Preciado (2023b, p. 306) “nossos corpos vivos são a prova da existência de um novo regime epistêmico não binário e não patriarcal”.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Unesp, 2018 [1977].

DONARD, Véronique. **DU MEURTRE AU SACRIFICE: psychanalyse et dynamique spirituelle**. Paris: Cerf, 2009.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lutos finitos e infinitos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREUD, Sigmund. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão.** In: _____. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1910].

_____. **À guisa de introdução ao narcisismo.** In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1915-1920). Rio de Janeiro: Imago, 2004 [1914].

_____. **Além do princípio do prazer.** Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1920].

_____. **O estranho.** Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1919].

_____. **O eu e o id.** In: _____. **Autobiografia e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1923].

_____. **Primeiras publicações psicanalíticas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1893].

_____. **Pulsões e seus destinos.** In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1915-1920). Rio de Janeiro: Imago, 2004 [1915].

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1905].

GREEN, André. **O DISCURSO VIVO: uma teoria psicanalítica do afeto.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante.** São Paulo: Escuta, 1988.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963).** 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **DOPPELGÄNGER: uma viagem através do espelho-mundo.** São Paulo: Carambaia, 2024.

LIMA, M. C. **POR ENTRE AS FRESTAS DA CRUELDADE: o caso Jeffrey Dahmer.** 2025. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Public Culture, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

MESSIAS, Adriano. **TODOS OS MONSTROS DA TERRA: bestiário do cinema e da literatura.** 2. ed. São Paulo: Blucher, 2022.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **Femmes, fauves et grands criminels.** In: MIJOLLA-MELLOR, Sophie de (org.). La cruauté au féminin. Paris: PUF, 2005. p. 1-7.

MIRANDA, G. **NECROPOLÍTICA: ensaios sobre como nos matam.** São Paulo: LavraPalavra, 2021.

MORAES, Eliane Robert. **LIÇÕES DE SADE: ensaios sobre a imaginação libertina.** São Paulo: Iluminuras, 2011.

PRECIADO, Paul B. **DYSPHORIA MUNDI: o som do mundo desmoronando.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023b.

_____. **EU SOU O MONSTRO QUE VOS FALA: relatório para uma academia de psicanalistas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. **TESTO JUNKIE: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023a.

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem.** São Paulo: Iluminuras, 2015.

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magníficas**. São Paulo: Planeta, 2021.

WINNICOTT, Donald W. **O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE MATURAÇÃO: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983 [1979].